



## EDUCAÇÃO PARA ALÍVIO DA POBREZA E MANUTENÇÃO DO CAPITAL NAS DIRETRIZES DAS ORGANIZAÇÕES MULTILATERAIS.

Jociene Araujo Lima<sup>1</sup>

### RESUMO

De acordo com Mészáros (2011) tivemos a partir de 1970 a inauguração de uma nova etapa na trajetória no sistema econômico capitalista, a crise estrutural do capital, que veio para acentuar o contraste entre capital e trabalho. Essa crise pode ser compreendida, para o referido autor, como uma crise de caráter universal que tem seu fundamento na esfera econômica, porém não se limita a apenas esta esfera, ela atualmente perpassa todas as esferas sociais. Neste contexto, este trabalho tem como objetivo geral identificar, a partir do contexto de Crise Estrutural do Capital, o papel que assume a educação nas três principais vertentes teóricas educacionais desenvolvidas entre os anos 1970 e 1990, determinada pela Teoria do Capital Humano, o Tecnicismo e o Neotecnicismo, dando ênfase a análise crítica das faces dessas teorias a favor do capital. A metodologia usada, foi a pesquisa de revisão bibliográfica amparada nos escritos de Mészáros (2011) e Frigotto (2010), que trabalham a influência da Crise Estrutural do Capital no estabelecimento da Teoria do Capital humano e suas faces. Analisamos também, os escritos de Saviani (2011) e Gentili e Silva (1996), no que diz respeito à relação da Teoria do Capital Humano e sua defesa por uma concepção de educação como ferramenta para a adaptação e dominação da classe trabalhadora. Por fim, concluímos que a função da educação na teoria do capital humano e suas faces, tem estado a serviço dos interesses econômicos de acumulação e manutenção do status quo capitalista, sempre favorecendo a manutenção e perpetuação do capital.

**Palavras-chave:** Teoria do Capital Humano. Tecnicismo. Neotecnicismo. Capital. Crise Estrutural do Capital.

### INTRODUÇÃO

De acordo com Mészáros (2011) tivemos a partir de 1970 a inauguração de uma nova etapa na trajetória no sistema econômico capitalista, a crise estrutural do capital, que veio para acentuar o contraste entre capital e trabalho. Essa crise pode ser compreendida, para o referido autor, como uma crise de caráter universal que tem seu fundamento na esfera econômica, porém não se limita a apenas esta esfera, ela atualmente perpassa todas as esferas sociais. Além disso, essa crise estrutural do capital, da qual Mészáros (2011) defende, não afetou somente um conjunto específicos de países economicamente, como ocorreu em 1930, na grande depressão,

---

<sup>1</sup> Mestranda do Mestrado Intercampi Educação e Ensino (MAIE), Universidade Estadual do Ceará - UECE, [jociene.araujo@aluno.uece.br](mailto:jociene.araujo@aluno.uece.br);

diferente disso a crise estrutural do capital atingiu a totalidade da humanidade, isso se deve ao expansivo desenvolvimento global que o capitalismo obteve nessa década histórica.

O processo de acumulação capitalista se faz por sua história de ciclos de crises econômicas, contudo para Mészáros (2007), traz que diferente das crises cíclicas, que são periódicas e resolvidas no interior de uma dada estrutura política, a crise estrutural do capital afeta a própria estrutura política em sua plenitude. Essa crise também “afeta a totalidade de um complexo social em todas as suas relações com suas partes constituintes ou subcomplexos, aos quais é articulada” (p. 357). Dessa forma, a crise estrutural do capital se mostra duradoura, sistêmica e estrutural.

Dessa maneira, a crise estrutural se destaca por atingir, não apenas algumas partes do complexo social em questão, mas atingir todas. Mészáros (2007) define como principais características dessa crise: i) o seu caráter é universal. Ou seja, ele não atinge só uma esfera da produção ou do trabalho, essa crise vem atingindo várias esferas sociais, como: o meio ambiente, a saúde, a economia, a educação; ii) seu caráter global, portanto atinge a todos os países sem restrições. iii) sua escala de tempo é contínua e permanente, diferentemente da crise cíclicas a crise estrutural do capital é crise contínua e permanente, ou seja, ela vem se arrastando sem solução a um longo período de tempo; e por último iv) seu modo de evolução é rastejante, em discordância com as eclosões e os colapsos assombrosos e dramáticos no passado.

Lukács (1979) afirma que a educação é um complexo universal, empenhado em efetivar a apropriação, por parte dos indivíduos, das objetivações constituintes do gênero humano, esta não paira sobre a totalidade social, vinculando-se, em sentido estrito, às necessidades da sociedade de classe. Porém a forma educativa que se apresenta à sociedade capitalista atualmente, está longe dessa ideia ou finalidade, a educação vem sendo estabelecida através das teorias educacionais capitalista, como esfera responsável pela redenção de todos os problemas de ordem social enfrentados pela humanidade.

De acordo com Alves (2004), as mais diversas teorias educacionais “esquecem” da real determinação social para o ato de educar, surgindo como resultado a defesa de teorias, que enxergam a educação como um instrumento de adaptação dos indivíduos ao sistema econômico vigente. Com o atual sistema capitalista que tudo subordina e tudo adapta aos seus interesses de acumulação, a educação ou o ato de educar não ficou fora, as últimas teorias defendidas desde de 1960 tem usado a educação com esfera de manutenção do controle e poder do Capital sobre a sociedade, e principalmente sobre a alienação da classe trabalhadora.

Neste sentido, uma das finalidades desse trabalho é compreender como se dá a relação entre a economia capitalista e as teorias educacionais que permeiam o mundo entre o final da



década de 1970 a 1990. Aqui buscaremos problematizar de forma crítica, as concepções pedagógicas da educação neste período, associando essas concepções a economia capitalista e as demandas e exigência das agências multilaterais na manutenção da sociabilidade do capital.

## **METODOLOGIA**

Levando em consideração a centralidade do trabalho como categoria fundante do ser histórico e social, ontologicamente distinto da natureza e a relação entre o trabalho e os demais complexos sociais, a referida pesquisa terá como fundamento a ontologia marxiana com a finalidade de compreender a barbárie social, no campo objetivo e subjetivo, que tem produzido a desumanidades em escala crescente. Assim, na emergência de compreender a natureza do objeto a ser estudado, a pesquisa apresenta-se de cunho bibliográfico visando analisar o contexto de Crise Estrutural do Capital, e o papel que assume a educação nas três principais vertentes teóricas educacionais desenvolvidas entre os anos 1970 e 1990, dando ênfase a análise crítica das faces dessas teorias a favor do capital.

Este trabalho está dividido em dois tópicos: o primeiro foi pontuado o contexto de Crise Estrutural do Capital e sua influência nas três concepções pedagógicas que se tornaram hegemônicas entre os anos 1970 e o final de 1990, que foi a Teoria do Capital Humano, o Tecnicismo e o Neotecnicismo. No segundo momento foi abordado sobre qual papel e função, essas teorias educacionais, têm designado para a educação através dos prognósticos e direcionamentos de agências multilaterais como a UNESCO, ONU e Banco Mundial.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL E SUA RELAÇÃO COM AS CONCEPÇÕES EDUCACIONAIS PRODUTIVISTAS: A TEORIA DO CAPITAL HUMANO, O TECNICISMO E NEOLIBERALISMO.**

Neste contexto, a crise estrutural do capital vem escancarando a barbárie mundial. E apesar de ter tido um grande período de ascensão marcada pela altíssima taxa de lucro, hoje essa acumulação caiu, obrigando a sistema capitalista diante de sua crise conseguir novas forma de ascensão econômica se sustentando através de um forte aparato ideológico e político que seria sustentado através da sua própria lógica ideológica, se aliando a causa que busca elevar o nível econômica à custa da defesa da privatização de empresas estatais; além da defesa, por meio de instrumento ideológico, de corte nos investimentos públicos, especialmente nas áreas

cunho social, favorecendo o neoliberalismo (FRERES, JIMENEZ, MENDES SEGUNDO, 2011, p.3)

Se estabelecendo com base nessa crise estrutural do capital, o favorecimento do neoliberalismo, sendo designado dentro do plano ideológico, a tentativa do investimento na valorização da mercantilização e da geração de lucro mesma nas áreas já consagrada como sem poder econômico como é o caso esfera da educacional. Nestas circunstâncias, a educação começa a se destacar como área que pode ser grande proveito do aparato ideológico no campo da materialidade, e das relações sociais de produção, temos o surgimento de várias teorias e concepções pedagógicas hegemônicas entre os 1970 e o final de 1990. Essas concepções educacionais tem se pautado na defesa da flexibilidade da educação, do desenvolvimento de competências e habilidade que ajude o indivíduo a lucrar em meio a crise estrutural do capital.

A educação agora passa a uma esfera ideologia que tem a função de encaixar os indivíduos nos moldes das exigências da crise estrutural do capital, responsabilizando a educação por adegar e qualificar mão de obra conformada e qualificada para atuar no mercado, tendo como único interesse a acumulação do capital. Neste cenário, surgem as principais teorias da educação que defendem a educação como uma ferramenta ideológica indispensável na relação entre trabalho e capital. Entre as teorias, que se estabelece como uma das principais concepções educativas até os dias atuais, está a TCH. Theodore W. Schultz, professor responsável por sua criação, justifica que essa teoria pode elevar a acumulação econômica através da capacitação do indivíduo graça ao caso como no Japão que na segunda guerra mundial, estava com grandes crises financeiras, e conseguira ressuscitar economicamente através da qualificação humana e ascensão do mercado.

Foi a partir dessa lógica da educação como fomento ao desenvolvimento econômico, que o capital passou a disseminar a ideia que a educação era o centro para superarmos todas as mazelas sociais, entre elas as mazelas econômicas. Essa teoria “entendia a educação como tendo por função preparar as pessoas para atuar num mercado em expansão que exigia força de trabalho educada” (FRIGOTTO, 1989, p. 55).

É importante destacar que a THC, tem grande influência, assim como também recebe influência sobre a concepção de ensino tecnicista, definido por Libâneo como uma das principais tendência e teoria educacional brasileira para a educação. Nessa perspectiva a teoria do capital humano, alinha-se a teoria tecnicista, sempre levando em consideração a formação do indivíduo para pleno emprego, para o mercado de trabalho e para acumulação capitalista.

O tecnicismo além de colocar no indivíduo a responsabilidade pela ascensão social, ele defende que a educação se modela ao processo de reestruturação produtiva, que com a crise



estrutural do capital, exigiu do trabalhador que o conhecimento escolar esteja engajado com a demanda do processo produtivo e as orientações das políticas neoliberais. A reestruturação do capitalismo no mundo do trabalho, frente à crise capitalista, reformulou os sistemas de organização das empresas, inserindo o Toyotismo que se destaca pela busca pela qualidade total e outras técnicas de gestão (ANTUNES, 2009).

O ensino tecnicista está pautado na defesa da técnica e argumenta que o indivíduo através desse modelo de educação deve adquirir alguns valores que são essenciais para a produtividade, como a ideia da organização, respeito à hierarquia, disciplina etc. (FRIGOTTO, 1993, p. 46). Segundo Acácia (1997) essa ideia de educação, pautado no ensino de valores tem uma finalidade muito clara que preparar a classe trabalhadora para a conformação, para atuarem no sistema de produção em profissões de níveis de baixo lucro.

Nessa circunstância, Frigotto (1993) diz que a escola se torna, por sua incapacidade, um aliado do capitalismo na manutenção das classes sociais, segundo ele:

Sua improdutividade, dentro das relações capitalistas de produção, torna-se produtiva na medida em que a escola é desqualificada para a classe dominada, para os filhos dos trabalhadores, ela cumpre, ao mesmo tempo, uma dupla função na reprodução das relações capitalistas de produção: justifica a situação de explorados e, ao impedir o acesso ao saber elaborado, limita a classe trabalhadora na sua luta contra o capital (p. 224).

Essa ineficiência da escola é o resultado dessas teorias que a educação vem sendo imposta ao longo dos anos, que tem mistificado e controlado a forma como a educação vem oferecida para a classe trabalhadora, dando a ela a função de responder às demandas impostas pelo capital, oferecendo um ensino produtivo utilitário ao capital.

Porém, é preciso enfatizar que essas teorias aqui ressaltadas, a teoria TCH e a teoria tecnicista, passaram a partir da década de 1990, a ter outro sentido, a focalizar de maneira mais abrangente nessa concepção produtivista para a educação. Com a consolidação da crise estrutural do capital, agora em 1990, bem mais maduro, o modelo de educação atual, não centra só na qualificação para o emprego, agora ela deve garantir o status de empregabilidade, incidindo sobre o indivíduo o compromisso de ser competitivo no mercado de trabalho. Segundo Saviani (2011, p. 430) “A educação passa a ser entendida como um investimento em capital humano individual que habilita as pessoas para a competição pelos empregos disponíveis. O acesso a diferentes graus de escolaridade amplia as condições de empregabilidade do indivíduo”.



Sendo necessário que haja esta competição no mercado por vaga de emprego, e o sistema capitalista consegue sobreviver com este grande número de pessoas bem instruídas fora do mercado. Com essa nova demanda para a educação surge em 1990, uma teoria que tem sua base no tecnicismo, porém seguindo os preceitos da racionalidade, eficiência e produtividade. O neotecnicismo é uma teoria educacional que surge baseada no neoliberalismo, em um cenário marcado pela redefinição do papel do Estado no estabelecimento da educação e da abertura da participação da iniciativa privada e das organizações não governamentais no tange as orientações da educação.

Saviani (2011) argumenta que essa teoria tem uma diferença clara entre tecnicismo dos anos 1970, e o neotecnicismo dos anos 1990, na última teoria educacional, tira-se o foco que era depositado no processo, para se colocar nos resultados, agora a responsabilidade de avaliar os resultados obtidos no campo da educação fica para o Estado, através de suas agências reguladoras. Saviani (2011) ainda afirma que “o neotecnicismo se faz presente alimentando a busca da ‘qualidade total’ na educação e a penetração da ‘pedagogia corporativa’ (SAVIANNI, 2011, p 439). Ou seja, agora a uma prioridade é que a educação forme o indivíduo polivalente, que consiga transitar em todas as partes do processo de produção, e além disso que o resultado final mantenha os lucros do capital.

Essa nova forma de pensar o trabalhador e a escola, propulsionou o início de um novo ciclo de acumulação capitalista, da qual a tecnologia tem tomada a especialidade do trabalhador, Frigotto (2010) aponta que: “As mudanças da tecnologia com base microeletrônica, mediante a informatização e robotização, permitem ampliar a capacidade intelectual associada à produção e mesmo substituir, por autômatos, grande parte das tarefas do trabalhador”. (FRIGOTTO, 2010, p. 157).

Essa nova de educação defende a ideia do indivíduo está sempre em busca dos cursos e formação que o mercado de trabalho tem abertura, tratando de uma “pedagogia da exclusão” (SAVIANNI, 2011, p. 431), que na verdade se manifesta como garantia de continuidade da ideologia capitalista na preservação por sua hegemonia. Para Saviani (2011), essa pedagogia “trata-se de preparar os indivíduos para mediante sucessivos cursos dos mais diferentes tipos, se tornarem cada vez mais empregáveis, visando a escapar da condição de excluídos. E, caso não o consigam, a pedagogia da exclusão lhes terá ensinado a introjetar a responsabilidade por essa condição”. (SAVIANNI, 2011, p.431). A pedagogia da exclusão vem direcionar que o indivíduo é o único que pode se tornar empregável, mistificando todo a aparato ideológico que temos nessa afirmação, e na alienação da classe trabalhadora a compreender a real crise da empregabilidade na sociedade capitalista. A escola neste sentido não é um processo de produção



de conhecimento, mas se reprodução do conhecimento do mercado, com conteúdo esvaziado de criticidade, formando o aluno para ser facilmente moldado a nova ordem e reprodução do mercado.

Sendo assim, não é segredo que o papel da educação nessas teorias, sempre foi voltado para desenvolvimento do setor econômico, a educação nessas concepções está sendo estabelecida como uma ferramenta de manutenção do controle do capital sobre a acumulação capitalista, onde direta ou indiretamente ela tem se pautado nas defesas dos direitos capitalistas, e na luta para oferecer a classe dominante formas de manter no controle. Ou seja, essas teorias que atuam na educação de 1970 a 1990, em todas as suas faces tem auxiliado o capitalismo em todos os seus interesses, formando mão de obra barata, conformada e super útil na perpetuação de seus valores e poder, conseguindo manter a existente a estrutura social existente.

Ramos (2002), afirma que essas concepções de educação têm sido defendidas nas reformas educacionais e curriculares de o todo mundo, seguindo como orientação os direcionamento dos organismos multilaterais, que tem sido um dos principais agente do capital, que vem atuando na manutenção e perpetuação da educação como forma de acumulação capitalista e voltado para desenvolvimento econômico. Nessa conjuntura os próprios professores, tem sido condicionado a mero reprodutores das ideologias do capital na nova políticas educacionais, colocando a educação com uma esfera conformada e reprodutora deste ideias, longe da sua real função que é esta a serviço da consciência crítica e revolucionária de superação da sociedade capitalista e de transformação da realidade concreta.

## **EDUCAÇÃO PARA ALÍVIO DA POBREZA E MANUTENÇÃO DO CAPITAL NAS DIRETRIZES DAS ORGANIZAÇÕES MULTILATERAIS.**

Como vimos no tópico anterior, as teorias para a educação vêm passando por grandes mudanças nos últimos anos, usando uma nova roupagem, agora, com a reestruturação do sistema capitalista desde 1970, resultado da crise estrutural do capital, houve a demanda de novas formulações teóricas acerca da utilidade da educação em um contexto de crescimento econômico capitalista. Neste cenário, a TCH, e suas faces passam por renovação, estando nesta nova reconfiguração entrelaçadas ao novo paradigma neoliberal e em defesa de uma reforma educacional que se alinhem as diretrizes e objetivos educacionais que as agências multilaterais internacionais de grande porte como, o Banco Mundial (BM), a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e a Organização das Nações Unidas (ONU) determinam para a educação.



Dentre estas organizações temos o BM, que é um dos principais agente na manutenção e acumulação do capital, esta organização se mostra de grande influência e poder no que diz respeito à educação em todo mundo. O BM se caracteriza por ser uma organização financeira internacional, provedora de empréstimos para setores econômicos e sociais dos países membros. Desde de sua criação, na conferência de Bretton Woods em 1944, o BM atua no fornecimento de empréstimo para aumentar a economia financeira dos países de periferia do capital, afim de promover a globalização. Para além de emprestar recursos financeiros para os países, o BM ainda presta serviços de como melhor administrar estes recursos, em forma de assessoria. Essas assessorias vêm ocorrendo de diversas formas e em todas as esferas sociais como na saúde, trabalho, educação, meio ambiente, combate à pobreza, buscando para Leher (1998), encaixar em todos os países, em uma política universal que venha a consolidar a concepção e construção de mundo que os países ricos desejam, diante da crise estrutural do capital.

O BM vem sendo responsável pela virada da preocupação internacional desde os anos 80, com a ideia de que um mundo globalizado pode aumentar a economia dos países, promover o desenvolvimento sustentável e acabar com as injustiças (LEHER, 1998). Neste discurso, de alcançar um mundo globalizado, a pobreza é colocada, pelo banco, como grande vilã das desigualdades nos países periféricos. O BM por meio deste discurso, tem feito um amplo trabalho de organização e reforma de políticas com a falaciosa intenção de acabar com a pobreza, colocando a educação no centro das estratégias, uma vez que ela destacada, desde da TCH, como atividade capaz de fomentar o desenvolvimento econômico e social.

A educação ganha um novo objetivo neste projeto, sendo ela designada “a responder à pobreza e aos desafios de conhecimento do século XXI”. Para isso, a UNESCO (2016) destaca que é necessário que haja uma mudança ou uma adequação na política educacional que centralize como foco as questões sustentáveis, a redução da pobreza e o fomento de trabalhadores para o mercado de trabalho. Para Motta (2011) essa concepção de educação exposta pelo BM tem total relação com a TCH e suas faces, que mescla noções de habilidades e competências com a função de através da sua escolaridade aumentar o desenvolvimento econômico dos países. Neste sentido, o BM, compreende a educação como uma possibilidade de acúmulo de capital, disseminando um discurso que encaixa a educação como uma solução para a inserção dos indivíduos no mercado de trabalho.

De acordo com Schiltz (1963), o BM e TCH, a educação tem total influência na renda do trabalhador. Neste sentido, o autor afirma que uma maior qualificação e o aperfeiçoamento da população, advindos da esfera educacional, elevaram a produtividade dos trabalhadores e os



lucros capitalistas, impactando diretamente na economia como um todo. Assim, segundo o BM, quanto maior o potencial de capital humano de uma nação maior sua inserção na economia global. Motta (2011, p.38) destaca que “no caso específico das sociedades de capitalismo dependente e no contexto da ideologia nacional-desenvolvimentista, a TCH foi incorporada, ainda, como fator de superação do atraso econômico e um instrumento de distribuição de renda e de mobilidade social.”

Partindo disso, o BM começa a investir na educação e na THC, propondo diversas mudanças nas concepções de ensino e reformulações da política educacional dos países pobres, a maioria dessas orientações para a educação advinda do BM são orientações determinada pela Unesco, que é uma organização subserviente ao BM, desde 1980, segundo Leher (1998) O BM, tem atuando em parceria com a UNESCO na organização da educação mundial. Leher (1998), destaca a UNESCO como uma organização que representa a esperança de educação unificada e de qualidade em todo o globo, ela tem a finalidade de incentivar uma educação unificada para todo o globo. Porém, para o referido autor, a UNESCO desde a sua criação sempre representou os interesses estadunidenses nas suas políticas para a educação. Ou seja, ela sempre representou os interesses do capital para a educação mundial. Porém o BM viu a criação da UNESCO como um empecilho ao seu projeto educacional. Foi diante dessa preocupação que o BM começa a ser parceiro da UNESCO, sendo em seguida seu maior patrocinador, isso aconteceu segundo Leher (1998) por volta da década de 80, quando os EUA, que “era responsáveis por mais de 40% de toda verba da UNESCO (LEHER, 1998, p.191)” se afasta dessa agência devido a muitos conflitos políticos, deixando de lhe patrocinar.

Com a perda deste aliado financeiro, e sem recursos suficientes para manter suas atividades, a Unesco se alia ao patrocínio do BM, com a condição de participar ativamente das decisões das políticas educacionais do mundo. Assim, o Banco começa a ditar as políticas educacionais, enfatizando sua prioridade nos países pobres, com o discurso de sempre promover estudos e realizar ações que ajudem a expandir uma educação de qualidade para os países. Podemos compreender que atualmente as políticas executadas e defendidas pela Unesco, são as políticas expressas pelo BM, que vem encontrando inúmeros aliados, refletindo os seus interesses e aporte ideológico.

Percebemos em várias das propostas de reformas colocados e defendidos pelos organismos multilaterais têm designado para a educação a função de instrumento ideológico do capital, buscando criar um consenso de conformação de que os problemas do mundo capitalista serão solucionados por meio da educação, fazendo o indivíduo da classe trabalhadora um ser passivo e conformado com sua realidade explorada.



A educação nas prescrições desses organismos, sempre a favor do sistema capitalista, está dividida, em duas funções dualista, segundo Saviani (2007) “(...) uma para a classe proprietária, identificada como a educação dos homens livres, e outra para a classe não-proprietária, identificada como a educação dos escravos e serviçais”. (p. 155). Assim, a educação escolar que é promovida na escola, desde do surgimento do capitalismo, vem se tornando um local que tem executado um trabalho de formar exclusivamente os dirigentes da sociedade. As orientações internacionais têm confirmado isso quando defende para a escola pública uma ideia neoliberal de educação, onde a prioridade não é emancipação humana, mas a inserção dos jovens e adultos no mercado capitalista, é preparar a classe trabalhadora para melhor se adaptar às demandas e exigência do mercado sem questionamento ou oposição.

Podemos comprovar que os postulados defendidos pela UNESCO e os organismos multilaterais e para a educação, são advindas da TCH e suas múltiplas faces, onde o cerne é “relações existentes entre qualidade do ensino, crescimento econômico e renda pessoal” (UNESCO, 2005, p. 10). Onde as relações sociais ficam de lado, e a educação fica submissa à política econômica mercantil do sistema capitalista, que busca subordinar a educação e seus indivíduos a tornar-se adepto do sistema vigente. A ideia da qualidade presente nos ideários da UNESCO, é outro postulado vindo da THC, que não apenas espera que o indivíduo esteja formado, mas formado com qualidade, da mesma forma a UNESCO (2005) salienta que é necessária uma qualidade na área educacional para que os objetivos sejam alcançados, a má qualidade na formação traz o desemprego e assim um péssimo desempenho econômico. Pois, uma melhor colocação e competitividade de um país estariam associadas a qualidade do seu desenvolvimento educacional.

Percebemos aqui uma forma de alienar a classe trabalhadoras sobre os problemas da educação e do desenvolvimento econômico, uma vez que este organismo multilateral e a TCH não visa “acabar com a pobreza por motivo humanitário, mas sim por motivações econômicas” (SHIROMA e ZANARDINI, 2020, p. 697). Ou seja, a riqueza e a pobreza são igualmente patológicas para a sociedade, o sistema capitalista não permite o extermínio da pobreza, uma vez que o capital precisa da pobreza para construir sua riqueza em abundância. O que precisamos é rever a distribuição da riqueza na sociedade capitalista que fica nas mãos de poucos.

Para Evangelista e Shiroma (2006, p.45), a estratégia de alienação da classe trabalhadora sempre foi a melhor cartada dos organismos multilaterais, que estão por trás dessas concepções e teoria mercantilista para a sistema educacional, sendo do interesse deste organismo “ocultar os reais determinantes do empobrecimento da maioria da população, administrando eventuais



levantes sociais a ele associados”. Esta alienação acontece na medida que essas agências internacionais, com um discurso estratégico dizem buscar soluções para a pobreza, quando na verdade, estão apenas tentando impedir conflitos entre os trabalhadores, a classe explorada e a classe opressora, aqueles que detêm os meios de produção, que fazem isso com o interesse que ordem social continue a mesma.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comprendemos que algumas décadas se passaram desde 1970, quando surge a TCH, porém é importante destacar que essa teoria vem se renovando em suas diversas faces, como na teoria tecnicista e posteriormente a teoria neotecnicista, sempre disseminando seus ideários mercadológicos para a educação. Durante todas essas décadas a educação segue direta ou indiretamente formando mão de obra barata e conformada para o sistema vigente. A TCH e suas faces, vem construindo através da educação um indivíduo útil para a acumulação do capital e alienado quando as relações de pobreza e desigualdade existentes no sistema. Essas teorias educacionais tem levando a perpetuação do sistema capitalista, colocando a função da educação a serviço dos interesses econômicos de acumulação e manutenção do status quo, sendo influenciada pelos padrões do mercado capital, se adaptando as a seus princípios de produtividade e competição do qual mantém o indivíduo conformado com o sistema capitalista vigente.

Concluimos assim que é muito necessário o rompimento desse ciclo de teoria capitalista da educação. Precisamos buscar uma educação que tenha como prioridade a emancipação do indivíduo e de sua perspectiva sobre a realidade, rompendo com os mecanismos de adaptação que impede que o indivíduo lute por emancipação longe dos interesses da classe dominante.

## REFERÊNCIAS:

ALVES, Antônio José Lopes. A determinação onto-societária no ato de educar. **Verinotio–Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas**, n. 1, p. 12-12, 2004.

ACÁCIA, Kuenzer. Ensino de 2º grau: O trabalho como princípio educativo. 3edª. **São Paulo: Cortez**, 1997.

ANTUNES, Celso. **Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender**. Artmed Editora, 2009.

EVANGELISTA, Olinda; SHIROMA, Eneida Oto. Educação para o alívio da pobreza: novo tópico na agenda global. **Revista de Educação PUC – Campinas**, n. 20, p. 43- 54, jun. 2006.



FRERES, Helena de Araújo; JIMENEZ, Maria Susana Vasconcelos; MENDES SEGUNDO, Maria das Dores. **Da teoria do capital humano à teoria do capital social: rebatimentos das políticas neoliberais sobre a educação no atual momento histórico.** 2011.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutivo: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista.** 3ª ed. São Paulo: Cortez – Autores Associados, 1989.

FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real.** 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutivo. Um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista.** 4ªed. São Paulo: Cortez, 1993.

GENTILI, Pablo A.A; SILVA, Tomaz Tadeu. **Neoliberalismo, qualidade total e educação.** 4ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

LEHER, Roberto; MOTTA, Fernando Cláudio Prestes. **Da ideologia do desenvolvimento à ideologia da globalização: a educação como estratégia do Banco Mundial para alívio da pobreza.** 1998. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

LUKÁCS, György. **Ontologia do ser social: a falsa e a verdadeira ontologia de Hegel.** Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

MÉSZAROS, I. **O desafio e o fardo do tempo histórico.** São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital.** São Paulo: Boitempo, 2011.

MOTTA, Vânia Cardoso . **Mudanças no pensamento sobre desenvolvimento: o novo desenvolvimentismo brasileiro.** In: V Jornada Internacional de Políticas Públicas, 5., 2011, Maranhão. Anais [...]. Maranhão, 2011. Disponível em: [http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA\\_EIXO\\_2011/DESAFIOS\\_E\\_DIMENSOES\\_CONTEMPORANEAS\\_DO\\_DESENVOLVIMENTOREGIONAL/MUDANCAS\\_NO\\_PENSAMENTO SOBRE\\_DESENVOLVIMENTO.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/DESAFIOS_E_DIMENSOES_CONTEMPORANEAS_DO_DESENVOLVIMENTOREGIONAL/MUDANCAS_NO_PENSAMENTO SOBRE_DESENVOLVIMENTO.pdf). Acesso em: 25 mar. 2020.

RAMOS, Marise Nogueira. **A educação profissional pela pedagogia das competências e a superfície dos documentos oficiais.** Educação e sociedade, v. 23, n. 80, p. 401-422, 2002.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 3 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, Dermeval. **As idéias pedagógicas no Brasil entre 1969 e 2001: configuração da concepção pedagógica produtivista.** In: História das idéias pedagógicas no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SHIROMA, Eneida Oto; ZANARDINI, Isaura Monica Souza. Estado e gerenciamento da educação para o desenvolvimento sustentável: recomendações do capital expressas na Agenda 2030. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, p. 693-714, 2020.

SILVA, Edilaine Cristina; LENARDÃO, Edmilson. Teoria do capital humano e a relação educação e capitalismo. <http://www.uel.br/eventos>. Acessado em, v. 13, p. 072016, 2010.

UNESCO. **Educação para todos: o imperativo da qualidade: relatório conciso- 2005.** Disponível em. Acesso em: 16 set. 2009.

UNESCO. **Declaração de Incheon e: Marco de Ação para a implementação do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4.** 2016. [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000245656\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000245656_por). Acesso em 4 set. de 2019.